

Quarta-Feira, 22 de Abril de 2026

Desemprego cai a 6,4% em setembro, o segundo menor patamar da história

DADOS DO IBGE

g1

A taxa de desemprego no Brasil caiu para 6,4% no trimestre terminado em setembro, aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, divulgada nesta quinta-feira (31) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

É a segunda menor taxa de desocupação da série histórica da PNAD Contínua, iniciada em 2012, só perdendo para o trimestre encerrado em dezembro de 2013 (6,3%).

A queda foi de 0,5 ponto percentual (p.p.) em relação ao trimestre anterior, terminado em junho, quando a taxa era de 6,9%. No mesmo período do ano passado, a desocupação atingia 7,7% da população em idade de trabalhar (14 anos ou mais).

Em números absolutos, 7 milhões de pessoas estão sem emprego no país, o menor contingente desde o trimestre encerrado em janeiro de 2015. Foi um recuo de 7,2% em relação ao trimestre anterior, e de 15,8% na comparação com 2023.

Já os ocupados são 103 milhões, um novo recorde da série histórica, crescendo em ambas comparações: 1,2% no trimestre e 3,2% no ano.

Com isso, 58,4% das pessoas em idade de trabalhar no Brasil estão empregadas -- o maior nível de ocupação para um trimestre encerrado em setembro.

O IBGE classifica como desocupadas as pessoas sem trabalho que estão procurando emprego. A soma desse grupo com o dos empregados totaliza a população dentro da força de trabalho no Brasil, que ficou em 110 milhões no trimestre terminado em setembro.

Assim, estão fora da força de trabalho 66,4 milhões de brasileiros. São pessoas de 14 anos ou mais desempregadas, mas que não estão em busca de serviço ou disponíveis para trabalhar.

Diante disso, a PNAD calcula que o Brasil tem 18,2 milhões de pessoas subutilizadas, ou seja, que poderiam estar trabalhando, mas estão desocupadas, subocupadas (não trabalham todas as horas que poderiam) ou fora da força de trabalho potencial.

Esse contingente recuou 4,4% em relação ao trimestre anterior e 9,8% na comparação com o ano passado.

A população desalentada ficou em 3,1 milhões, o que representa uma estabilidade no trimestre e um recuo de 11,3% no ano. São pessoas que gostariam de trabalhar e estariam disponíveis, mas não procuraram emprego

por acharem que não encontrariam, por falta de qualificação, por exemplo.

Veja os destaques da pesquisa

- * **Taxa de desocupação: 6,4%**
- * **População desocupada: 7 milhões de pessoas**
- * **População ocupada: 103 milhões**
- * **População fora da força de trabalho: 66,4 milhões**
- * **População desalentada: 3,1 milhões**
- * **Empregados com carteira assinada: 39 milhões**
- * **Empregados sem carteira assinada: 14,3 milhões**
- * **Trabalhadores por conta própria: 25,4 milhões**
- * **Trabalhadores domésticos: 5,9 milhões**
- * **Empregadores: 4,3 milhões**
- * **Trabalhadores informais: 40 milhões**
- * **Taxa de informalidade: 38,8%**

Carteira assinada e sem carteira batem recorde

O número de trabalhadores com e sem carteira assinada no setor privado cresceu 5,3% em relação ao ano passado e chegou a 53,3 milhões, um novo recorde da série iniciada em 2012.

Entre os empregados com carteira assinada, o número absoluto de profissionais chegou a 39 milhões, um aumento de 1,5%, ou de 582 mil pessoas, contra o trimestre anterior. No comparativo com 2023, o ganho é de 4,3%, o que equivale a 1,6 milhão de trabalhadores a mais.

Já os empregados sem carteira são 14,3 milhões. A alta para o trimestre foi de 3,9%, com mais 540 mil trabalhadores no grupo. Já, em relação ao ano passado, houve aumento de 8,1%, ou de 1,1 milhão pessoas.

A taxa de informalidade ficou em 38,8% da população ocupada (ou 40 milhões de trabalhadores). No trimestre anterior, o percentual era de 38,6% e, no mesmo período de 2023, de 39,1%.

Rendimento estável no trimestre

As pessoas ocupadas receberam cerca de R\$ 3.227 por mês no trimestre terminado em setembro, por todos os trabalhos que tinham na semana de referência da pesquisa. É o que o IBGE chama de rendimento médio habitual.

O valor ficou estável frente ao trimestre anterior, quando era de R\$ 3.239. No comparativo do ano, houve aumento de 3,7%.

Já a massa de rendimentos, que soma os valores recebidos por todos esses trabalhadores, foi estimada em R\$ 327,7 bilhões. Ela também apresentou estabilidade na comparação trimestral e cresceu 7,2%, na anual.



Carteira de trabalho — Foto: Gilson Abreu/AEN